

**FRONTEIRAS NA FRONTEIRA:
“FALAS ATRAVESSADAS” ENTRE BRASIL E PARAGUAI**

**JONES DARI GOETTERT – UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE
DOURADOS**

jonesdari@hotmail.com

RESUMO

Coronel Sapucaia (Mato Grosso do Sul – Brasil) e Capitan Bado (Departamento de Amambay – Paraguai) compõem uma das “cidades gêmeas” da fronteira internacional brasileira e paraguaia, condição que, nos últimos anos, foi associada à de território perigoso pelos altos índices de homicídio. Aqui, associado a essas questões, propomo-nos a apresentar e compreender representações, imagens e significações produzidas nos dois lados da fronteira através da exposição de falas e imagens. Sobre as relações transfronteiriças, partimos de autoridades políticas de Coronel Sapucaia e de Capitan Bado, constatando “falas atravessadas” em críticas mútuas. Especificamente sobre o lado brasileiro, observamos que, além da “grande” fronteira internacional, também outras fronteiras socioespaciais “menores” são construídas, conferindo outras tensões e outros conflitos, configurando no que podemos definimos, ainda que introdutoriamente, de “fronteiras na fronteira”.

Palavras-chaves: Fronteira(s); Representações; Coronel Sapucaia e Capitan Bado.

FRONTEIRA: OLHANDO DE CIMA

Figura 1: Coronel Sapucaia e Capitan Bado, entre Brasil e Paraguai, do alto.



Fonte: “Google Maps” (10/01/2013).
Organizado pelo autor.

Uma fronteira “maior” (mais visível, e-vidente, a vista) pode encobrir fronteiras “menores” (mais invisíveis, implícitas, escondidas). Uma fronteira “maior”, entretanto, pode se tornar mais explícita carregando em si um conjunto de fronteiras

“menores”, como que, para a sustentação de um poder maior, um punhado de micropoderes se deslinda a seu favor. A fronteira, então, que parece solitária, única, tem a sua produção e reprodução apoiada nessa multiplicidade de “pequenas” fronteiras, sem as quais aquela tenderia a perder, em grande medida, a sua força expressiva, material e simbolicamente.

A fronteira “maior”, como expressão de um poder também mais expressivo, é sempre aquela de “uma” materialidade visível, mas ancorada e sustentada por imaterialidades múltiplas. O poder material – aquele dos limites e barreiras que impelem, impedem, impõem ou restringem a passagem (saídas e entradas, expulsões e permanências) – é “submetido”, paradoxalmente, a seu corolário imaterial, o poder simbólico marcador de hierarquias igualmente atravessadas por materialidades e imaterialidades.

Representações, imagens e significações são parte constitutiva dos cotidianos das relações de uma dada fronteira [para além das “díades” fronteiriças, como apontado por FOUCHER (2009), cada uma delas é marcada pela multiplicidade de relações nos “pontos” de fronteira, fazendo com que, por exemplo, a condição/situação de fronteira entre Bela Vista e Bella Vista Norte seja muito distinta daquela entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, e desta em relação àquela entre Coronel Sapucaia e Capitan Bado, dentre muitas outras nas fronteiras entre Mato Grosso do Sul, Brasil, e Paraguai]. Representa-se, imagina-se e significa-se o “outro” como parte de uma certa condição ontológica de sujeitos de identidade, sempre marcada e marcadora de diferenças.

Toda representação faz da ausência uma presença, sempre definida pelo poder de representar e pela autoridade de fazer com que a representação se firme como ato de *fazer ver* e, em sua expectativa de consolidação, de *fazer crer* (em aproximação a BOURDIEU, 1998). Como uma das microcondições de fronteira, os atos de representação, paradoxalmente, vertem a ausência (sujeitos, espaços, relações etc.) para que ela persista ainda mais como não presença, como lonjura, “longe daqui”, “pra lá”. Fundadas sobre a condição autoritária e totalitária dos Estados-nações, as representações cotidianas em espaços de fronteira tanto reforçam a unidade das nacionalidades em disputa, como mecanismos de

identidades únicas, como, justamente por isso, tendem à impossibilidade de rompimento dos marcos representacionais-identitários dominantes.

Toda imagem de fronteira, por sua vez, pode ou reforçar representações dominantes ou ser produção “criativa” para a construção de novas e outras representações, persistentes nas dicotomias, dualidades, contrastes, oposições e disputas. As imagens são, para tanto, participantes de seleções que parecem aleatórias, mas marcadas por uma “estrutura fronteiriça” que tende a se propor extremamente selecionadora das imagens que reforçam representações suscetíveis à reprodução de pré-visões e de pré-conceitos. Na fronteira, faz-se a imagem, vê-se e sente-se a di-visão.

A fronteira, por isso, também significa. Se, de forma mais ampla, todo modo de produção é sempre um modo de produção simbólico (cf. COSGROVE, 2010), também cada um de seus iguais/diferentes espaços são marcados/marcadores de dimensões simbólicas, de significação. Espaços de fronteira são em geral muito mais que outros espaços privilegiados na produção e reprodução de significados, como expressão “nítida” do poder de produção da diferença, como parte constitutiva, inclusive, da “genética” e do desenvolvimento do Processo Civilizador moderno-contemporâneo em curso (cf. GOETTERT, 2012).

Representações, imagens e significados, correlatos às materialidades fronteiriças, dão suportes e ao mesmo tempo são suportados como produções morais, éticas, estéticas e performativas (e identitárias, como realçado anteriormente) (em aproximações a RAFFESTIN, 1993 e 2005; RIBEIRO, 2005; e HALL, 2000 e 2003; e SILVA, 2000). Elementos de julgamento, valorativos, maniqueístas e uma multiplicidade de “expressões” socioespaciais – da escala do corpo à global, mas com força profunda sobre a escala local e nacional – fazem de espaços de fronteira, de fato, um espaço ou uma condição que *une*, mas, sobretudo, a depender de *onde* de fala e *onde* se faz um espaço que *separa*. Os processos, no entanto, não menos lineares e mais tortuosos e contraditórios, mas a construção de narrativas (materiais e simbólicas) de um e de outro lado da fronteira, grosso modo, tendem mais à reafirmação de julgamentos valorativos que à construção de relações mais amistosas.

Como percebemos tais elementos em espaços de fronteira? Buscando dar “concretude” a essas premissas gerais, procuraremos aqui apresentar e discutir um conjunto de situações de fronteira constatadas entre Coronel Sapucaia (Mato Grosso do Sul – Brasil) e Capitan Bado (Amambay – Paraguai). Em idas e vindas, fomos constando que a “grande” fronteira é também marcada por fronteiras “menores”, em um processo no qual ambas vão se fazendo como parte de processos de identificação (e, portanto, de diferenciação) constantes e recíprocos. Observações pontuais, mas, sobretudo falas e imagens, são uma “amostragem” das aproximações e, principalmente, dos distanciamentos desta *união* precária e instável que se desenvolve no espaço de fronteira, entre Coronel Sapucaia e Capitan Bado.

FRONTEIRAS: OLHANDO DE LADO (“FALAS ATRAVESSADAS”)

Sobre as relações entre Coronel Sapucaia e Capitan Bado, neste início, partimos da importante e profunda análise de OLIVEIRA (2005, p. 401-402):

De Cel. Sapucaia até Mundo Novo [extremo sul do Estado do Mato Grosso do Sul], passando por Paranhos, Sete Quedas [...], a presença de homens armados, visivelmente despreparados, sem a menor discrição transitam calmamente impondo uma tranquilidade agressiva e estúpida. [com] o incisivo tráfico de drogas (especialmente de maconha) e o contrabando de madeira. [...] As cidades de Capitão Bado [Departamento de Amambay] e Cel. Sapucaia, separadas apenas por uma avenida, constituem uma pequena conurbação de vinte mil habitantes. Esta parte do Departamento de Amambay tem, por tradição, o plantio de cannabis sativa, feito por pequenos produtores associados à produção de subsistência. [...] A condição imposta por esta relação perigosa tem levado o local a se tornar um forte centro de repulsão.

E também de um excerto de reportagem de 2008:

Campeã da violência, Coronel Sapucaia só tem oito policiais

Jacqueline Lopes

Com um delegado, três investigadores de polícia, quatro policiais militares por plantão e sem nenhum soldado do Corpo de Bombeiros, a população de Coronel Sapucaia, que exibe o triste título de campeã nacional da criminalidade, enfrenta a dura realidade de quem vive sob fogo cruzado. Pistoleiros a serviço do tráfico cruzam a fronteira – delimitada por apenas uma avenida, a Flávio Derzi, que separa Coronel Sapucaia de Capitan Bado, no Paraguai – para executarem seus desafetos, geralmente bandos rivais no negócio sujo da droga. [...] Em meio ao tiroteio sobram balas para vítimas inocentes e histórias tristes de quem convive com o medo e a insegurança.

(http://www.midiamax.com/view.php?mat_id=318553 – 28/02/2009.)

Munidos, sobretudo, da análise acima e dessa informação, seguimos para a fronteira¹. Percorremos ruas e conversamos com pessoas de Coronel Sapucaia e de Capitan Bado. Aqui, primeiramente, nos debruçaremos, em especial, sobre falas de secretário de governo do município brasileiro e de vereadores da “Municipalidad” vizinha²; em seguida, faremos apontamentos mais gerais sobre falas e impressões de moradores de um e de outro lado, mas, sobretudo, da cidade brasileira. Sobre as falas das “pessoas da política”, a intenção é apresentar como que os dois lados se debruçam, em grande medida, de forma diferente sobre as mesmas questões, ambos em críticas recíprocas. Sobre as falas de moradores, buscaremos demonstrar que outras fronteiras são construídas concomitantemente à fronteira mais nitidamente presente, a fronteira internacional, sobretudo entre gentes do centro e de bairros “mais pobres” e entre gentes “brancas” e indígenas de Coronel Sapucaia.

De ambos os lados da fronteira, ecoam em todas as direções as falas de “*aqui, na fronteira, é um lugar bom para mora*”. Nas trocas de falas iniciais, tanto com um secretário municipal de Coronel Sapucaia quanto com vereadores de Capitan Bado, certa tensão primeva (por estarmos na fronteira) é contraposta à ideia de que “*aqui não aquilo que falam, podem ficar tranquilos*”. Constatamos que, de um e de outro lado, os sujeitos da política parecem preparados para o contraponto ao

¹ As entrevistas e fotografias foram realizadas e produzidas durante trabalho de campo, em outubro de 2012, através da atividade “Espaço, População e Fronteira”, como parte da disciplina Geografia da População, ministrada no curso de Geografia (FCH-UFMG).

² As falas foram anotadas e não gravadas e, para a não exposição dos entrevistados, não citaremos os nomes dos mesmos.

que imaginam que nós, os de fora da fronteira, já imaginaríamos sobre ela, de que ali é um lugar perigoso. *“Fiquem tranquilos!”*

Aqui se produz, aqui se trabalha, não importa o lado, aqui é terra de produção, discorre o secretário de finanças com generalidades desse tipo. *“Aqui e no Paraguai, pois tem muito brasileiro que tem terras ali pra dentro, e pra produção agrícola, pecuária e da madeira não tem fronteira”*. Desde, sobretudo, as décadas de (19)70 e (19)80, brasileiros, sobretudo “sulistas”, no processo de expansão da fronteira agropecuária e extrativista (madeira) ultrapassaram o rio Paraná e se embrenharam rumo a terras do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará, Rondônia, leste acreano, oeste baiano, sul do Maranhão e Piauí... E ali, onde a terra desconhece nacionalidades, também foram adquirindo propriedades na “margem” e também no “interior” paraguaio. *“Onde chegam levam o progresso”*, disseram alguns brasileiros coronel-sapucaieiros... *“Invadiram as nossas terras”*, disseram, por sua vez, alguns paraguaios de Capitan Bado.

Produzindo soja, gado e madeira, proprietários brasileiros em terras de Capitan Bado têm relação importante com Coronel Sapucaia, muitos, inclusive, residindo na cidade. Para o trabalho e a produção, a terra é uma dádiva do *lado do lá*, mas a fronteira é um obstáculo que precisa ser continuamente transposto: *“Os fazendeiros brasileiros no Paraguai tem a maioria dos empregados brasileiros, porque preferem os trabalhadores daqui; os paraguaios são muito parados, muito lentos, né, meio preguiçosos. Os brasileiros tem outra cultura, a coisa do trabalho, de querer ir pra frente, progredir, não tem medo de trabalhar”*. *“Ah, sim, e a fronteira? Ela é um problema por causa daquilo que os fazendeiros precisam comprar aqui e levar pra lá, ou daquilo que produzem lá e querem vender aqui... Aí pode ocorrer o contrabando, porque isso é muito comum, mas também, como o preço dos produtos pode variar de um para o outro lado, como é o caso da soja, por exemplo, o fazendeiro pode dar um jeito de levar a soja daqui pra lá, quando é bom pra isso, e vender lá, ou trazer de lá pra cá, quando é bom aqui... Isso pode acontecer”*.

E os fazendeiros brasileiros aqui, em Capitan Bado e no Paraguai, sob o ponto de vista de vereadores da “Municipalidad” paraguaia: *“Olha, são muito importantes pra nós, porque trazem divisas, são importantes, tem muito aqui... Mas*

é, tem uns problemas, como a mão-de-obra, muitos não cumprem a lei de que só podem ter vinte e cinco por cento de trabalhadores estrangeiros, no caso, de brasileiros, é, não cumprem a lei... E mais do que isso, ouvimos falar que muitos tratam os empregados como se não tivessem direito nenhum, como se fossem escravos, como se diz, como trabalho semiescravo, brasileiros e paraguaios... Dizem que preferem os brasileiros porque trabalham mais, mas as terras são nossas, do Paraguai, e não querem entender que a nossa cultura é outra, que trabalhamos diferente... Mas tem mais coisa ainda: em muitas fazendas não é cumprida a nossa legislação ambiental, e estamos revendo isso junto com o governo federal, porque vem aqui, desmatam tudo, como as madeiras, tiram toda a madeira, mas também vão destruindo todo o meio ambiente..."

Paralelamente a um movimento de "acusações" recíprocas, se desenrola um processo de "complementação" (do faltante, do não falado, do "esquecido" ou do "escondido"). A fronteira e as relações fronteiriças, desse modo, vão se mostrando em olhares cruzados entre aproximações e distanciamentos, como se, de alguma forma, uns e outros estivessem ali, ambos em seus lados, na defesa de uma condição local (mas também regional e nacional) que precisa ser continuamente posta em luta, em combate. Nas falas, o Estado, o Capital e o Trabalho se *expõem* e se mostram contraditoriamente separados e alinhados, um a acusar o outro, um a defender o outro, em uma tríade que na fronteira é duplicada, pois que o Estado são os Estado-nações brasileiro e paraguaio, o Capital é aquele que se associa em ambas as "margens", mas também o que rivaliza e o que se prende (ou está preso) a capitais transnacionais e monopolistas, e o trabalho é ao mesmo tempo "defendido" como também partícipe de uma condição de precariedade extrema em espaços de "limbo" legal, formal e jurídico (e novamente os Estados "não se entendem!").

"Sobre a violência? Não sei se a violência aqui é maior do que em outros lugares. É só morar aqui pra ver. A mídia fala demais, e sempre tudo o que acontece em São Paulo e no Rio de Janeiro parece que o problema é da fronteira. Essa aqui é uma cidade igual a qualquer outra, e com a vantagem de ter um país logo aqui do lado... É claro que tem contrabando, tráfico de drogas, violência... Tem tudo isso... Mas aí é um problema do Paraguai, que produz a maconha, dizem que tá cheio de

plantação lá dentro, isso acontece... Mas também o que é que o governo brasileiro faz por nós? Nada, muito pouco! É só querer resolver que revolve, mas ninguém resolve nada. E é fácil matar alguém lá do outro lado e trazer pra cá, colocar aí na avenida internacional e dizer que foi aqui, aí aparece que o município tem o maior índice de homicídios do Brasil”... Coronel Sapucaia na defesa.

Capitan Bado no ataque: *“Temos a melhor marijuana del mundo. É maravilhosa, é muito boa, porque é plantada e produzida nas melhores terras que temos... E os brasileiros gostam, compram muito, vem até aqui para plantar e comercializar... Esse não é um assunto que se pode falar muito, mas tá tudo meio associado, brasileiros com paraguaios, paraguaios com brasileiros... Tá tudo meio junto”...* Em ambos os lados, as autoridades políticas expuseram – muitas vezes explícita e outras implicitamente – que a condição de fronteira “seca”, “grande” e “aberta” era facilitadora das atividades de contrabando e tráfico, e seus desdobramentos em violências mais agudas resultando no alto índice de homicídios. E se, de um lado, no Brasil, deslindou-se sobre a precariedade dos aparatos de proteção e segurança na fronteira (Polícia Federal, mas também Militar, Civil, Forças Armadas e Guarda Nacional), de outro lado, no Paraguai, foi enfatizado a busca de colaboração entre os aparatos de segurança dos dois países.

Esse certo descompasso entre as “falas” de um e de outro lado, no tocante aos aparatos de segurança nacionais na “proteção da fronteira”, parece estar ligado, pelo menos a partir de impressão de certas falas de um e de outro lado, aos “modelos” de “unidades federativas” do Brasil e do Paraguai. No Brasil, pela fala do secretário municipal (mas também de outras autoridades e cidadãos), a percepção é de críticas mais profundas à atuação do Governo Federal (mas também Estadual) sobre os “problemas da fronteira”. *“Se o governo investisse mais aqui, se olhasse mais pra nós, pro interior, isso seria bem diferente, mas isso aqui tá largado, é meio que terra de ninguém... Só pra ter um ideia, aqui tem dois ou três policiais militares, e nem sei se moram aqui, parece que vem de Amambai pra cá... Delegado, nem sei, ninguém sabe... Nem banco tem aqui, todo mundo tem que ir pra Amambai ou pra qualquer outra cidade pra receber o salário a cada mês, isso não pode ser assim”...*

Do lado brasileiro, a distância física tanto de Campo Grande, mas, sobretudo, do “Governo Federal”, ou “de Brasília”, e as dificuldades de articulações

multiescalares (local, regional, estadual, nacional e internacional) sobre as questões de segurança e proteção “da fronteira” (que devem ser, portanto, também de interesse local, regional, estadual, nacional e internacional) parecem desempenhar um papel importante nas posições assumidas por pessoas do lugar (corroboradas, de certa forma, no perceptível *tom* conservador das posições e, em aproximação, da busca recorrente de crítica a um governo federal de “centro-esquerda”, em geral menos avesso aos interesses locais e regionais fundados em atuações patrimonialistas e, não menos evidentes, “coronelistas”).

Do lado paraguaio, por sua vez, a armação nacional federalista parece possibilitar, curiosamente, uma relação entre Capitan Bado e a capital nacional Assunção mais direta, com pouca ou sem intermediação do governo departamental sediado em Pedro Juan Caballero. Obviamente que essa constatação requer uma melhor verificação e análise, mas foram recorrentes as falas no sentido de demonstrar certa autonomia de Capitan Bado e sua relação estreita com o poder central sob o comando de Assunção. Uma das evidências veio à tona quando se deslindou sobre a derrubada do presidente Fernando Lugo, em junho de 2012. Os vereadores de Capitan Bado foram unânimes em afirmar que, “*agora, sim, o Paraguai segue no rumo de novo*”. Representantes municipais pelo Partido Colorado, os vereadores ressaltaram que a atuação de Lugo afetava enormemente a “*segurança e a proteção*” da propriedade privada, não apenas em Capitan Bado como também em todo o território nacional. A dificuldade de “diálogo” e de atendimento das reivindicações locais e regionais, em torno de Capitan Bado, durante o governo Lugo, eram algumas das questões que tornava “positiva” a sua deposição. Nesse sentido, diferentemente da condição multiescalar brasileira, a “multiescalaridade” (a partir de Capitan Bado) parece “transgredir” as escalas regional e departamental, com prioridade para as relações com a capital nacional e, em relação às questões pertinentes, sobretudo, à “segurança e proteção” da fronteira, a necessidade de uma atuação conjunta entre as forças de segurança do Paraguai e do Brasil (como, segundo os vereadores, já vem acontecendo).

A dificuldade de estabelecimento de condições multiescalares de “segurança e proteção” na fronteira também se desdobra das dificuldades, ali, do desenvolvimento de políticas de integração mais efetivas entre os governos de

Coronel Sapucaia e de Capitan Bado. Um e outro lado reclamam dessas dificuldades e de certa “má vontade”, sempre do *lado de lá*. Esse “desentrosamento” parece associado, de um lado, à ausência de parcerias, convênios, projetos e programas mais efetivos e de médio e longo prazo, havendo, quando muito, parcerias em situações muito pontuais e específicas; de outro lado, a “desintegração” se desdobra de “recomeços” constantes que envolvem as composições de ambos os governos locais, em processos de renovação dos executivos e legislativos que, como apontado por vereadores de Capitan Bado, não levam adiante as iniciativas já construídas.

Esse certo “desentrosamento” entre Prefeitura de Coronel Sapucaia e “Municipalidad” de Capitan Bado, se apresentou bem evidente quando as conversas versaram sobre Educação e Saúde. Sobre Educação, o lado brasileiro questionava e criticava a presença acentuada de alunos paraguaios: *“A prefeitura daqui busca os alunos no interior do Paraguai, em Capitan Bado. São muitos recursos, e a prefeitura de lá praticamente não ajuda. Muitas vezes ainda reclamam porque os carros não conseguem entrar lá por causa da chuva... E eles colocam os filhos aqui porque sabem que aqui a educação é melhor que lá”*... Por sua vez, o lado paraguaio, em tom mais irônico, contratava: *“Sobre paraguaios nas escolas brasileiras? A maioria são filhos de brasileiros, também tem paraguaio... E eles vêm com os carros deles em cima de nossas estradas... Mas sabe por que fazem isso? Pra ter mais alunos lá e receber mais recursos para a educação, só por isso. Os paraguaios lotam as escolas lá e trazem mais dinheiro pra Coronel Sapucaia. Então eles não têm prejuízo com os alunos daqui”*...

E sobre a Saúde: *“Veja bem, a população aqui do município é de aproximadamente catorze mil moradores, mas registrados nos postos de saúde e hospital a gente tem mais de vinte e oito mil... De onde são todo mundo? Do Paraguai, né?”*... Em relação à Educação e à presença de alunos paraguaios, ouvimos várias falas sobre as dificuldades encontradas por professores na construção de formas adequadas de ensino, pois muitos alunos “estrangeiros” tem pouca habilidade com a língua portuguesa, falando apenas espanhol e guarani. A condição de “estrangeiro” e com dificuldades em se expressar em português, também tem ocasionado situações de preconceito e discriminação, sobretudo por

parte dos colegas. Em relação à Saúde, as maiores críticas no Brasil recaem sobre os “volumes” de recursos que precisam ser despendidos para uma população *de fora*, “*que nem brasileiro é*”... Sobre ambos, as falas mais comuns em Capitan Bado foram de que, assim como os paraguaios aproveitam as vantagens do Brasil, também os brasileiros aproveitam as vantagens do Paraguai, citando, por exemplo, os proprietários brasileiros de terras férteis em Capitan Bado, a derrubada “ilegal” e o contrabando de madeira (“*que já não tem mais no Brasil, não é?*”) e de adubo, e o comércio na cidade paraguaia que possibilita que os brasileiros comprem mercadorias bem mais baratas que no Brasil...

Discorrendo, agora, e de forma mais breve, sobre outras “fronteiras na fronteira” envolvendo relações socioespaciais, sobretudo em Coronel Sapucaia, fomos observando que foi construída, ali, uma certa hierarquia para além daquela mais evidente (a entre brasileiros e paraguaios). Pontuaremos duas delas: a hierarquia entre moradores mais centrais da cidade com moradores mais periféricos; e a hierarquia estabelecida entre “todos” os moradores de Coronel Sapucaia (urbanos e rurais) e as populações indígenas de Reserva no município (Aldeia Taquapery).

Em relação à primeira, relatos apontaram um processo simultâneo de “segregação” socioespacial e de certa estigmatização e preconceito, dos moradores do “centro” em relação aos moradores “periféricos”, sobretudo dos bairros Vila Nova e Mate Laranjeira. Em relação ao primeiro, a produção e reprodução de representações pejorativas estaria ligado tanto à condição socioeconômica dos moradores quanto ao entendimento que é nele e dele que, também, se organizariam grupos ligados ao tráfico de drogas. De certo modo, o “centro” de Coronel Sapucaia parece também definir o seu “outro” dentro dela mesma (da cidade), como o “mal” que tanto mora *ao lado* como no mesmo lugar. Curiosamente, mas não menos problemático, ouvimos, em algumas falas menos ostensivas, que alguns grupos que controlam (ou buscam controlar) redes de tráfico de drogas têm participação decisiva em pleitos eleitorais municipais, em função do poder que exercem em certas “comunidades”. Já sobre o bairro Mate Laranjeira, ouvimos que a sua

construção ali fora parcialmente o desdobramento de conflitos ligados à terra, com algumas famílias ainda em acampamento próximo.

Em relação à hierarquia construída entre moradores não-indígenas e indígenas, Coronel Sapucaia “apenas” reproduz uma situação presente em muitos municípios sul-mato-grossense, com mais intensidade a partir dos últimos anos (sobretudo a partir de 2005 e 2006), quando são desencadeados com maior densidade os processos de identificação, demarcação e promulgação de terras indígenas no Estado, sobretudo dos povos Guarani e Kaiowá. Falas como “*índio é tudo preguiçoso*”, “*por que querem mais terra se não plantam e não trabalham?*” e “*por que precisam viver como índios se nem são mais índios?*”, evidenciam que essa outra fronteira – espacial e, nesse caso, fundamentalmente também étnica (nos termos de BARTH, 1998) – também se ancora em um processo político-histórico de silenciamento e invisibilidade indígena, juntamente com a formação de grupos hegemônicos locais (na política e na economia) avessos a qualquer possibilidade de autonomia efetiva dos povos indígenas.

Grosso modo, podemos afirmar que, em Coronel Sapucaia, tem se construído duas linhas hierárquicas socioespaciais (tanto material quanto simbólica) assentadas, do ponto superior ao inferior, dessa forma: para a primeira, o brasileiro superior e o paraguaio inferior; e, para a segunda, o morador do “centro”-moradores da “periferia”-indígenas. Obviamente, essas linhas se entrecruzam e seus acionamentos sempre dependerão da questão em evidência; em alguns deles, por exemplo, os paraguaios poderão assumir uma centralidade tal que todos os problemas estariam resolvidos sem eles, como, para outros, os indígenas podem “desaparecer” quando se tratar da pujança econômica no município, parte dela construída por “*fazendeiros de fora, que nem aparecem aqui*”, mas que podem ser os primeiros a reivindicar o protagonismo na promoção do “progresso” coronel-sapucaense, mas também os últimos a admitir – e a aceitar – que os indígenas são os legítimos donos de muitas de suas terras.

FRONTEIRAS: OLHANDO DE LADO (IMAGENS FALADAS)

DO PROGRESSO E DO ATRASO

“No Paraguai tá tudo atrasado em relação ao Brasil, né?”
(morador de Coronel Sapucaia)

Foto 1: Ônibus em Capitan Bado.



Do trabalho e da preguiça

“Vocês viram aquela pracinha aí, do lado de lá, com aquele homem tomando tereré e o outro carregando erva, o ervateiro? Pois é, dizem aqui que o ervateiro é o brasileiro, o trabalhador, e o tomador de tereré, o preguiçoso, só pode ser o paraguaio”.

(morador de Coronel Sapucaia)

Fotos 2, 3 e 4: Pequena praça em Capitan Bado junto à Linha Internacional



3



4



Das histórias ou dos tempos distintos

“A nossa história é completamente diferente da deles...”
(morador de Coronel Sapucaia)

Foto 5: Imagem-mural em praça no centro de Capitan Bado.



Das diferenças de religiosidades

“Eu acho que a gente é mais religioso que os brasileiros... E com muito mais amor à pátria...”

(morador de Capitan Bado)

Foto 6: Sino e armação com corres da bandeira paraguaia em igreja de Capitan Bado.



Foto 7: Carro estacionado em frente à templo evangélico em Coronel Sapucaia.



DO PÚBLICO E DO PRIVADO

“A Linha Internacional não é nem do Brasil e nem do Paraguai, é pública...”

(morador de Coronel Sapucaia)

Fotos 8, 9 e 10: Linha Internacional entre Coronel Sapucaia e Capitan Bado.



DO COMPRAR E DO VENDER

“Tudo depende: quando a gente vê que aqui é mais em conta, a gente compra aqui, e quando vê que lá é mais em conta, a gente compra lá...”

(morador de Coronel Sapucaia)

No dia vinte de outubro de dois mil e doze, em um sábado, já antecipando o período natalino, uma carreata, promovida pela “Associação Comercial de Coronel Sapucaia” (de acordo com alguns moradores que observavam das ruas), percorreu as ruas da cidade anunciando promoções de Natal com o sorteio de brindes (como uma moto) para os clientes do comércio local.

Fotos 11 e 12: Placa pública informando nome de rua em Coronel Sapucaia, com apoio de supermercado de Capitan Bado com a seta indicativa da direção.



“DA FRONTEIRA”: OLHANDO DE BAIXO

(Uma pequena licença poética)

Já era noite a última vez que cruzamos a linha entre as cidades de Coronel Sapucaia e Capitan Bado, ou, ali também, entre o Estado de Mato Grosso do Sul e o Departamento de Amambay, ou, ainda, entre o Brasil e o Paraguai... Um tanto cansados, parecia bastar os olhos virados de cima para baixo ou os olhos se virando de um para outro lado... Olhamos então para cima e, espanto, perplexidade, magia, poesia: o céu límpido, pontilhado apenas por estrelas várias e por uma Lua encantadora, nada refletia sobre fronteira alguma, nem material e nem simbólica, nem formal e nem informal... Porque, talvez, eram apenas estrelas e Lua, sem nada de mais, sem nada de menos, apenas elas mesmas, livres, a “rodar, rodar e rodar”, enquanto nós, cá embaixo, a “brincar” de construir fronteiras, mais prendendo que libertando... “Que inveja das estrelas, que inveja da Lua!”

Figura 2: O céu de uma noite qualquer, sem fronteiras.



(<http://alugo-me.blogspot.com.br/2007/12/afinal-h-estrelas-no-cu.html>) (20/10/2012).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, Fredrick. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: EdUNESP, 1998. pp. 185-227.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- COSGROVE, Denis E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). *Introdução à geografia cultural*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p 103-134.
- FOUCHER, Michel. *Obsessão por fronteiras*. São Paulo: Radical Livros, 2009.
- GOETTERT, Jones Dari. Processo Civilizador, fronteiras e figurações estabelecidos/outsideers. In: SARAT, M.; SANTOS, R. dos. (Org.). *Sobre Processos Civilizadores: diálogos com Norbert Elias*. Dourados: Editora da UFGD, 2012, p. 219-243.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: EdUFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- _____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-prático. In: _____ (Org.). *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: EdUFMS, 2005, p. 377-408.
- RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira (Prefácio). In: OLIVEIRA, T. C. M. de (Org.). *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: EdUFMS, 2005, p. 9-15.

_____. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, António Sousa. A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira. In: SANTOS, B. de S. (Org.). *A globalização e as Ciências Sociais*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 475-501.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.